

O Sanatório Marítimo do Norte e a Clínica Heliantia de Valadares.

Arquitectura, Património e Saúde

Nuno Ferreira*

O ser humano desde sempre teve necessidade de se deslocar do seu habitat de origem e viajar para outros locais, por motivos diversos. Muitas destas viagens estiveram associadas ao tratamento de algumas doenças. É neste contexto que aparecem os sanatórios, estâncias de cura com programas específicos no combate a doenças contagiosas, como a tuberculose ou a sífilis. Estas doenças entendidas como fenómenos colectivos e sociais, foram um flagelo que assolou Portugal, sobretudo entre os finais do século XIX e primeira metade do XX, representando um perigo para a saúde pública e levando ao aumento dos esforços por parte das classes médica e política para a sua diminuição.

A proliferação dos sanatórios teve por objectivo dar resposta à crescente necessidade de tratamentos, através do acolhimento de um grande número de doentes em zonas balneares e montanhosas, com níveis de poluição inferiores aos registados nas grandes cidades, e onde a recuperação dos doentes, em especial com tuberculose, era favorecida pelo repouso, ar puro e uma alimentação equilibrada. Até à invenção dos antibióticos específicos, a grande inovação na cura da tuberculose foi o aparecimento da helioterapia. Esta técnica terapêutica, desenvolvida sobretudo nos sanatórios marítimos, tirava partido dos efeitos benéficos associados ao clima e, especificamente, da qualidade do ar, que levavam a um fortalecimento do organismo e sua maior resistência à infecção.

Foi neste contexto que surgiram em Vila Nova de Gaia o Sanatório Marítimo do Norte (1917) e a Clínica Heliantia (1930), vocacionados para o tratamento da tuberculose óssea. Este conjunto de edifícios localiza-se numa zona relativamente isolada, nas proximidades da praia, no meio do Pinhal de Francelos, freguesia de Valadares. A construção e fundação deste conjunto foram promovidas pelo médico Dr. Joaquim Ferreira Alves (1883-1944), sob influência do médico suíço Dr. Auguste Rollier (1874-1954) e auxílio do benemérito Manuel Pinto de Azevedo. O projecto de ambos os edifícios é da responsabilidade do arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira (1884-1957).

A execução deste conjunto baseou-se nos mais modernos conceitos da helioterapia, revelando-se na época uma experiência arrojada e evidenciando uma nova concepção de clínicas e sanatórios. Em particular, destacou-se nas práticas inovadoras de cirurgia ortopédica, tendo sido a este nível que a influência das clínicas do Dr. Auguste Rollier foi mais notória.

Este trabalho irá reflectir sobre a origem e os motivos do aparecimento do Sanatório Marítimo do Norte e Clínica Heliantia, no contexto da moderna “Arquitectura Antituberculose”. Será versada a relação entre o local de implantação deste conjunto e a sua funcionalidade no

* Mestre em História da Arte Portuguesa; Doutorando em História da Arte Portuguesa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto); Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

tratamento da doença. Pretende-se também contextualizar este equipamento hospitalar no panorama da arquitectura do Movimento Moderno português e, especificamente, no legado artístico do arquitecto Francisco de Oliveira Ferreira e, por fim, reflectir acerca deste tipo de património enquanto “produto do mar”. Visando-se um contributo para a compreensão deste tipo de património, a abordagem utilizada valorizará a integração de considerações já publicadas em livros, catálogos e provas académicas com dados obtidos a partir de investigação própria com base nos processos de licenciamento de obras e fotografias da época.